

Os gigantes da cerâmica e do azulejo

Manoel Dilor de Freitas é um homem franzino e inquieto. É advogado e tem 55 anos de idade. Quem o vê em atividade, no sul de Santa Catarina, fica com a impressão de que ele é um ser de outro planeta. Essa suspeita é ainda mais forte quando se ouvem, em Brasília, os ministros falando em crise. Brasília e Criciúma, a cidade catarinense onde Dilor de Freitas tem a base de seus negócios, lembram de fato dois planetas distintos — a população de uma desconhece a existência da outra.

Manoel Dilor de Freitas é considerado o maior ceramista do mundo. O grupo que ele lidera possui, entre outros empreendimentos, nove fábricas de pisos e azulejos, que produzem ao ano 64 milhões de metros quadrados. Isto por enquanto. Querem saber o que ele diz da crise?

— Crise? Nós estamos crescendo. Vamos investir US\$ 60 milhões nos próximos dois anos, para aumentar a nossa produção de pisos e azulejos em 600 mil metros quadrados ao mês.

Ao lado da filha Adriana, de 25 anos, administradora de empresas, Dilor leva os visitantes para conhecer a Portinari, sua mais nova fábrica de pisos e azulejos. Pelo caminho, ele conta que pagou à família do pintor — Cândido Portinari, morto em 62, US\$ 350 mil pela marca. Ele havia decidido conquistar a faixa mais sofisticada do mercado de pisos e azulejos cerâmicos: a classe A.

Localizada em Criciúma a fábrica custou US\$ 50 milhões e funciona num pavimento de 72 mil metros quadrados. Começou a produzir experimentalmente em maio, ou seja, quando não havia empresário neste país que não estivesse apreensivo com as negras previsões da economia para este ano. A fábrica tem capacidade para produzir até um milhão de metros quadrados de pisos e azulejos ao mês.

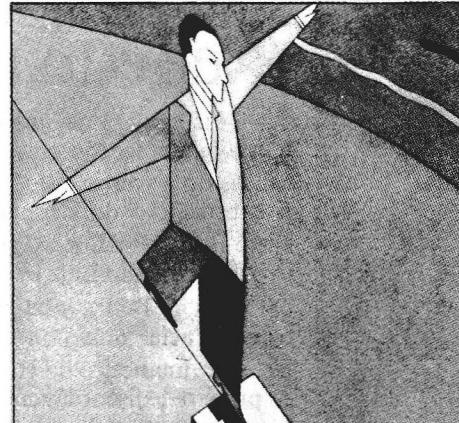
Os equipamentos da Portinari têm um índice de nacionalização de 70 por cento. Ela é informatizada, automatizada e parcialmente robotizada: — Tudo o que não veio da Itália foi comprado do meu irmão Hilário, que tem uma fábrica de equipamentos industriais aqui em Criciúma — afirma Dilor de Freitas.

Para garantir a mão-de-obra, 100% de aumento

A produção de uma cerâmica de luxo não seria possível, contudo, sem que fosse resolvido o problema da queima. Até pouco tempo, as indústrias cerâmicas brasileiras efetuavam duas queimas: uma da massa crua e outra da aplicação do esmalte. Assim, era impossível fabricar pisos e azulejos de grandes formatos, exigidos pelas construções mais sofisticadas. Hoje, na Portinari, a cerâmica é queimada uma só vez. Os engenheiros que desenvolveram o processo para Dilor de Freitas são os espanhóis Javier Rubert e Jaime Bort, justamente os inventores dessa tecnologia, na Espanha:

— Estábamos aqui — conta Dilor, ao apresentar os visitantes aos dois engenheiros espanhóis — quebrando a cabeça com essa técnica, e aí me encheu a paciência. Viajei para a Espanha atrás dos inventores do processo. Então trouxe os dois para trabalhar aqui em Criciúma. Vieram a peso de ouro, mas vieram. Sem eles, acho que a gente não teria conseguido implantar a fábrica.

O grupo comandado por Dilor de Freitas é diversificado e muito pouco vertical. Neste particular, só existe mesmo, em Criciúma, a fábrica de frita (base da composição do esmalte aplicado sobre pi-



mensal de US\$ 25 milhões. Não conseguiu atingi-la, mas andou perto. Este ano, de olho nos problemas cambiais, o grupo pensou numa meta mais modesta: US\$ 20 milhões mensais. Deve ultrapassá-la, segundo o líder do grupo, Edson Gaidzinski, que diz:

— O mercado interno está bastante aquecido. As pessoas estão tratando de reformar agora suas casas, pois sabem que, se deixarem para mais tarde, vão pagar mais caro.

Edson Gaidzinski, 49 anos, é o diretor-presidente do Grupo Eliane (é o nome de sua irmã mais nova, que tem hoje 34 anos e ajuda na administração das empresas do grupo). A expansão do grupo nos últimos anos dá bem uma idéia do fôlego e do arrojo do setor cerâmico brasileiro.

Tudo começou em 1960, com Maximiliano Gaidzinski, o pai de Edson e Eliane, um descendente polonês que dirigia, como empregado, uma indústria cerâmica em Criciúma. Cansado de trabalhar para os outros, Maximiliano, que morreu em 87, comprou a Cerâmica Cocal Ltda., uma pequena fábrica de pisos e azulejos à beira da faléncia. Chamou o filho mais velho, Edson, que teimava em ser dentista, para ajudá-lo, saneou a pequena fábrica, que produzia 300 metros quadrados por dia e transformou-a no império Gaidzinski, em 29 anos.

Ademir vende três farmácias. E torna-se mais um industrial

Hoje, o grupo produz nada menos que 110 mil metros quadrados de pisos e azulejos por dia.

Os Gaidzinski também já estão próximos da técnica de uma só queima da cerâmica. Já possuem fábricas automatizadas onde os operários atuam apenas como controladores. Eles se notabilizaram, mesmo, como compradores e saneadores de fábricas de cerâmica ameaçadas por falência pelo País. E o mais curioso: a consolidação do império Gaidzinski foi alcançada, basicamente, com recursos próprios.

Os Gaidzinski também constituem um grupo, hoje, bastante diversificado. Além das oito fábricas de pisos e azulejos, investem na criação de frangos e suínos para exportação; têm uma transportadora com 130 carretas e um total de 328 veículos; uma fábrica de embalagens que opera em três turnos, dois deles apenas para atender as empresas do próprio grupo.

A prática demonstra que o filão da cerâmica não é uma reserva dos Freitas ou dos Gaidzinski. Este é o caso do presidente do Sindicato das Indústrias de Cerâmica de Santa Catarina, Ademir Lemos. Ele vendeu três farmácias que possuía em Criciúma e, com ajuda do sogro, transformou-se em industrial em 77, comprando uma velha e artesanal fábrica de pisos e azulejos.

Em 85, já depois de haver adquirido

as ações pertencentes ao sogro, Ademir Lemos começa a investir US\$ 12 milhões na implantação de uma nova fábrica, com capacidade para 400 mil metros quadrados ao mês. "O Ademir vai longe", é o que dizem as pessoas em Criciúma. Ele mesmo, hoje com 42 anos de idade, cinco filhos pequenos, não esconde que vem faturando com a cerâmica em torno de US\$ 1 milhão ao mês, ou US\$ 12 milhões ao ano. Exporta para o Uruguai, o Paraguai e a Argentina uma parcela de 40% de sua produção. O restante é absorvido, instantaneamente, pelo mercado interno: "Uma pena eu não poder produzir mais. Tudo o que eu produzisse hoje eu venderia".

Em apenas nove anos, a tradicional paisagem do município goiano de Rio Verde mudou radicalmente. Os cerrados e chapadões deram lugar a grandes lavouras de soja, milho, feijão e arroz. São animadoras as experiências com trigo, ervilha e cítricos. Há dez anos, a produção de soja era de 46,8 toneladas. Na última safra, foram 243 mil toneladas.

A irrigação ajuda a mudar o calendário normal da agricultura. A experiência realizada com trigo irrigado proporcionou uma colheita de 50 sacas por hectare, o dobro da média conseguida nos Estados do Sul, a maior região produtora do País. Para este ano, a produtividade deve bater na casa das 75 sacas por hectare. Há três anos não existia um único pivô de irrigação na

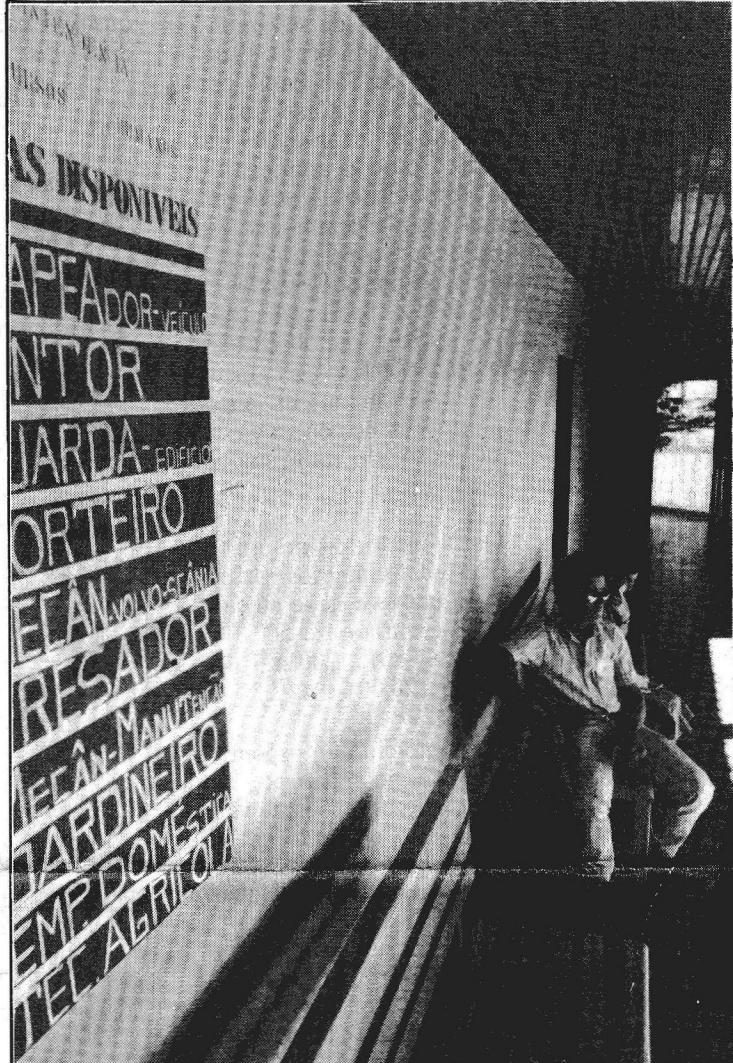


Foto: Eduardo Marques/Soma

Manoel Dilor de Freitas (alto à esquerda), o maior ceramista do mundo, exibe seu produto feito à mão (alto à direita). Ao lado, farta oferta de empregos nas indústrias.

Amanhã, as soluções tecnológicas de Campinas e São Carlos para antecipar o futuro.

Notícias do Brasil real

3100. No interior de Goiás, desbravadores substituem o cerrado por recordes contínuos na produção de grãos por hectare.



região. Hoje são 18 e outros sete estão sendo instalados.

O crescimento de Rio Verde colocou a Cooperativa Mista dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano Ltda (Comigo), com 4.500 associados, entre as cinco maiores do País, esmagando 800 toneladas de soja por dia e produzindo 120 milões de latas de óleo por ano, com uma capacidade de armazenagem de 605 mil toneladas. A riqueza atinge todos os setores. Até agosto, as concessionárias de veículos venderam 678 unidades, o mesmo número comercializado em todo o ano passado. E vai pagar ágio quem quiser comprar um apartamento de 507 m² no Residencial Aracóara, avaliado em NCz\$ 1,25 milhão a unidade.

Compare os dois mundos

Brasil real

● Para enfrentar em pé de igualdade empresas multinacionais melhor equipadas, uma empresa nacional do setor de autopeças da região do ABC, a Filtrobás Roma, com 320 funcionários e dona de 9% do mercado de filtros para automóveis, decidiu que o melhor caminho é investir em tecnologia. A empresa pretende investir neste ano cerca de US\$ 1 milhão em novas máquinas para aumentar em 20% a produção do ano que vem e, assim, chegar a 360 mil unidades por mês dos 280 tipos diferentes de produtos.

● O BNDES, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, desde 1975, concedeu às empresas brasileiras subsídios da ordem de US\$ 3,2 bilhões, dinheiro mais do que suficiente para resolver todos os problemas com as favelas que se instalaram no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Como os contratos de empréstimos do BNDES continham uma cláusula que estipulava em apenas 20% de correção monetária ao ano, toda a diferença originada pelo estouro da inflação desde 1975 foi coberta com dinheiro público.